

O cronista da cidade¹

Por Gustavo Sobral²

Quando desceu na Europa, Berilo já era um cronista experimentado. Havia começado em 1956, com a coluna Revista da Cidade, no mesmo jornal, substituindo o titular Woden Madruga que viajara para Maceió, e conquistou o espaço desenvolvendo um jornal próprio, espécie de revista de variedades: comentário de livros, filmes, notas rápidas sobre os últimos acontecimentos, enquetes, publicações de poemas e cartas do leitor. E a crônica, carro chefe da coluna. A crônica era o que se fazia no momento. Era a literatura do registro diário no jornal. E assumia o papel de revelação do cotidiano, impressões do cronista, comentário de algum fato do presente, confissões, autobiografia, conversa fiada, tudo que ainda hoje é possível no balaio da crônica. Berilo não fugiu da cartilha, mas apresentou estilo e temas próprios, escolheu falar da vida da cidade de Natal que era a sua vida, das suas impressões de leitura, do cinema que era a sua paixão e da literatura e, com Revista da Europa, voltaria à cena noticiando um mundo estrangeiro.

Tudo documentado e enviado pelo Atlântico para as páginas do jornal impresso Tribuna do Norte, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, para a alegria do seu fiel público leitor que o conhecia da sua afamada coluna diária, a Revista da Cidade. O cronista havia se despedido da Revista da Cidade por um breve período, “e lá vai B.W. para terras de Espanha!” (Revista da Cidade, Até Breve!, sexta-feira, 23 de setembro de 1960). “Há muito precisava viajar”, escreveu na despedida, alegando que aprendeu sobre a Espanha na mesa com o espanhol Nemésio Marquenho, que contou saudades de sua terra e mandava ao irmão, em Granada, uma caixa de charutos pelas mãos do cronista. Berilo partiu. Retornaria com notícias do além mar, inaugurando a Revista da Europa com crônicas da viagem. Seguiu para Espanha no final de setembro de 1960, rumo ao Colégio Mayor Universitario Hispanoamericano Nuestra Señora de Guadalupe para uma pós-graduação em Direito, oportunidade ofertada pelo consulado da Espanha. Seria sua primeira e única estadia no continente europeu, de lá o cronista retornaria um cidadão do mundo e faria de Revista da Europa o retrato de um tempo vivido e da Espanha do começo dos anos 1960.

¹ 2017, Ensaio. O cronista da cidade. In: Revista ANL, Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Norte. Nº50, jan/março 2017, p.51-62

²Gustavo Sobral é jornalista e escritor. www.gustavosobral.com.br

Revista da Europa deve ser considerada a continuidade de um processo que começa na Revista da Cidade. Berilo traça o mesmo projeto de ver a vida da cidade, as pessoas, registrar os momentos e as suas impressões de tudo. Só que agora abria-se um museu de novidades, o cronista estava na Europa e havia de contar o que via, ouvia e vivia. É a experiência no Velho Mundo, como um diário aberto, uma reportagem do dia, uma narrativa histórica, um perfil bem acabado o que se encontra na Revista da Europa que, reunida, forma um conjunto harmônico, um álbum de retratos que, revisitado, revela um frescor atual, como se o tempo não tivesse passado e pudéssemos voltar à Espanha, à Europa, naquele começo dos anos 1960 e sonhar entre um fino e outro e viajar agora não só mais no espaço, mas também pelo tempo decorrido.

O que se verifica na crônica passado o tempo da sua publicação é a sua perenidade. É possível, nestas crônicas, recuperar a Europa de 1960 e 1961, por isso, um documento de interesse que transpõe as fronteiras do Rio Grande do Norte. Nelas estão acontecimentos e personagens fixados num dado momento que é o tempo presente da crônica. A narrativa contempla os fatos e não há imposição de se fazer um registro histórico. A descrição é do presente e é sobre o intangível da vida que se preocupa o cronista. A crônica é um olhar para o cotidiano e também, porque não, relato de viagem como serviu aos viajantes e aventureiros do passado para contar o que descobriram e encontravam nos lugares visitados geralmente desconhecidos do público leitor. Com Revista da Europa, Berilo retoma este caráter utilitário e de registro histórico característico da crônica de viagem. Há um *ensemble*, rico, flutuante e incomum, porque há também um que de notícia e reportagem.

Revista da Europa estava reservada para os domingos na Tribuna do Norte, considerado o dia nobre, de maior circulação dos jornais, as crônicas, portanto eram semanais, talvez e também, por uma mera razão dos sistemas de comunicação e transporte disponíveis na época, vinha tudo pelo serviço postal. Berilo era um jovem de vinte e seis anos, recém-formado em Direito, primeira turma da Faculdade de Direito de Natal, na Ribeira, praça Augusto Severo, solteiro, boêmio, jornalista por ofício e total vocação para cronista, personagem de destaque na cidade, frequentando círculos intelectuais em torno dos temas do seu interesse e instituindo-se como um guia das gerações mais jovens, amigos dos nomes que fariam o jornalismo e a literatura do Rio Grande do Norte entre tantos outros,

o jornalista e poeta Celso da Silveira os poetas Miriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Zila Mamede, Newton Navarro, o jornalista Woden Madruga, o poeta Paulo de Tarso Correia de Melo e o escritor Moacyr Cirne.

Embora tenha cursado Direito, sua vida profissional começou no jornal. Berilo se considerava essencialmente jornalista e viajou assim caracterizado no seu passaporte. Revista da Cidade, que praticou de 1956 até viajar no ano de 1960 para Espanha, era um verdadeiro Caderno B, que é aquele onde se publicam as notícias, reportagens, resenhas, críticas, comentários, notas que tratam dos temas culturais, quais sejam, literatura, cinema, teatro, música, as artes em geral, um caderno de cultura completo de tudo que havia de necessário à época: a crônica, o cinema, a música, a literatura, entretenimento e a vida da cidade em notas. A crônica era parte deste seu jornal publicado diariamente nas páginas da Tribuna do Norte. Berilo seguia uma escola que havia sido lançada por Rubem Braga, e que angariava cronistas do naipe de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos entre outros.

No mesmo período, e por outras razões, encontramos o cronista Augusto Severo Neto flanando pela Europa, em um mergulho do encontro em si mesmo, relatando em seu primeiro livro de viagem, *Do outro lado do mar* (1960), a que outro que se seguiu no gênero, *Estórias e distâncias* (1982), com as temporadas constantes a passeio pelo continente europeu. Também Newton Navarro, nos anos 1960, cronista da cidade, compôs crônicas de sua passagem pela Europa, algumas no livro *30 crônicas não selecionadas*. Se hoje pode parecer banal, lugar comum falar da beleza de Notre Dame, de Paris à noite iluminada, dos pasteis de Belém de Portugal e das touradas da Espanha, o olhar local sobre o estrangeiro, naquele tempo, era artigo de primeira novidade e privilégio dos muito menos que tiveram espaço nos jornais, já conquistado, para relatar estas experiências. A literatura de viagem reúne no mesmo baú diversos autores no Rio Grande do Norte e se mostra uma vertente ainda a espera de considerações a respeito.

Berilo pertence a geração dos cronistas modernos que nasceu no século XX, aquela em que cada cronista traça o seu próprio caminho para explorar o gênero e assim defini-lo. Jornalismo e literatura, a crônica também é um registro do tempo presente, portanto, documento. Gênero textual, apresenta características próprias dentro de uma variedade de temas e práticas como se percebe na sua construção histórica que se pode ter como

marco inaugural, no Brasil, a forma e o tratamento que lhe concedeu o cronista carioca João do Rio e o seu ancestral o folhetim, prática dos jornais do século XIX. Precisa é ser reconhecida pela capacidade documental. E Revista da Europa é um exemplo disso: a crônica é um registro histórico de uma época. Um documento que deve ser também explorado como tal. E, por isso, perdura. Longe de ser efêmera, sua perenidade e importância é a sua razão de ser: o registro do cotidiano.

Ao mesmo tempo em que Berilo, em suas crônicas, mantém o traço com que ela se configurou nos jornais, uma curta narrativa ou descrição de um fato cotidiano, o cronista mantém, ou resgata, o espaço da crônica como o espaço do folhetim era utilizado: para registro de comentários, acontecimentos, publicação de pequenos ensaios, poemas, contos. Berilo incorporou um pouco de tudo isso a Revista da Cidade. A coluna, como dito, compunha-se da crônica em si e de outras seções que contemplavam os temas culturais: cinema, literatura, música. Revista da Europa não fugiria a este modelo. O modelo lançado por Berilo se instituiu no jornalismo impresso do Rio Grande do Norte e gerou não só admiradores, mas também seguidores. Os cronistas da cidade ainda em atuação Woden Madruga e Vicente Serejo são adeptos da escola de Berilo em que se denota o emprego ironia, a perspicácia, a formação humanística e cosmopolita do cronista, sem os quais seria impossível alcançar o jornalismo de excelência que exercem.

A lição de Berilo é de quem incorporou da crônica moderna (a que começa a ser praticada por João do Rio e se define com Rubem Braga) o tom literário de quem também fazia reportagem no que escrevia, com o uso dos recursos literários em seus textos. Então há a composição de cenas, perfis, diálogos. E também reportagem. A reportagem é um gênero jornalístico para o registro de fatos em profundidade. Enquanto a notícia é breve e totalmente informativa: o que aconteceu, onde, quando e porque, ensina a técnica do lead; a reportagem vai além e procura explicar, descrever, contextualizar. Berilo foi jornalista que de fato nunca fez reportagem no sentido estrito, mas que, procurou um novo caminho expressivo para o registro da sua viagem. E conferiu às suas crônicas de viagem o tom da reportagem. Assim, recupera os fatos históricos em contexto, trata dos costumes e hábitos em terras de Espanha e segue a proposta de ser cronista da cidade, papel que está intimamente ligado a sua vida e as suas vivências onde quer que esteja o cronista.

Há uma faceta demarcada das crônicas-reportagem de Berilo, a construção de perfis. “Michel é um jovem poeta de Paris que pode ser encontrado depois da meia-noite no La Méthode”. São retratos de figuras que observa ou com quem convive na Europa, há o professor Carmona apaixonado, o português Alberto Torres, o jovem poeta em Paris, Janiel dos cabelos longos, o velho Basílio, o casal francês, o Peruano, Josefina, Jean Pierre, e até o presidente brasileiro Jânio Quadros em passagem pela Europa, há as cidades como personagens, Madri, Paris, Cordoba, Sevilha, Toledo, Málaga Granada, Lisboa. É possível seguir os passos de Berilo ainda hoje pelas ruas e pelas praças, pelas salas de cinema e teatro, está tudo lá a espera de quem quiser viver a Europa. Há nas crônicas um roteiro de viagem incomum. Aborrece o cronista os pontos turísticos, que não deixa de visitar, e resta a lição de que para conhecer uma cidade é preciso viver as suas ruas, os seus espaços, confundindo-se com os cidadãos.

Observador da vida, das pessoas que passam, do que acontece, o cronista vive a perseguir a vida na cidade em busca de personagens e situações. Imprescindível é viver. Mesmo que esteja com um livro aberto e absorto na leitura – o cronista sempre está com um livro aberto – ele não deixa de perceber e registrar o que está ao seu redor. E sabe que, como um diretor de cinema, que é ele quem determina o enfoque, o enquadramento, os elementos da cena e tudo parte do seu ponto de vista. Não é mera descrição do que está diante de si, mas são as suas impressões da vida, o que lhe interessa e que se escreve com a sua visão de mundo, carga de humor e sarcasmo, ironia. São as suas experiências individuais. Além de observador e narrador, o cronista é personagem, está íntegro ao que conta, presente no momento dos fatos, é autor das impressões que registra, e registra porque vive.

Ao contar o que vê, revela como vê. O repórter está em cena. O cronista está na Europa, mas a sua terra natal não sai de perspectiva, é ponto de referência é o contraponto para as suas observações é o espaço de resgate das suas memórias, vivências, família e círculo de amizades. Sopra o vento numa tarde em Madri assobiando nos telhados, “e, de repente, confessa o cronista, a memória se desprende para bem longe e pousa num cenário antigo e diferente”. O cenário do momento é a Fazenda Nova Cruz dos avós maternos, no Rio Grande do Norte, onde cresceu a infância. Decididamente, Berilo tem a sua geografia sentimental como parte e referência permanente em suas crônicas. É a fazenda, é Natal, é

onde vive, é de onde parte o seu olhar para o mundo, seu ponto de referência. O Potengi, a cerveja com peixe frito, a família, os amigos seja cá, seja lá, seus temas estão definidos. Natal é o seu mundo e é sobre o seu mundo que o cronista escreve. Berilo teve a preocupação de fixar Natal na sua história. A sua proposta de cronista da cidade não arrefece. Distante, é para o jornal de Natal que remete as sua Revista da Europa e é Natal que será lembrada em certos momentos.

A Europa para Berilo começa e termina na Espanha. Uma determinada Espanha que se fixa em Madri, onde o cronista está sediado e parte para incursões nas redondezas. O cronista vai explorar em viagens a região da Andaluzia e algumas de suas cidades. O sul da Espanha é um espaço pleno de ambientação, estamos no mar mediterrâneo de clima quente e úmido como a sua Natal. O cronista deixa Natal no último domingo de setembro, chega a Madri em outubro. É lá em Madri ou Madrid (as duas formas estão corretas, e o cronista ora usa uma, ora usa outra) que fixa residência pelo período de estudos. É de onde parte para conhecer outras cidades da Espanha, ir também a Paris para o Ano Novo e Lisboa. Madri é o centro da Revista da Europa. Nas suas crônicas estão o vinho, a comida típica, os ciganos, as touradas, a paisagem e o clima, as pessoas nas ruas. As cidades são aquelas em que se anda a pé e se come e bebe pelos bares, em que se anda em grupo, os estudantes do colégio universitário, oriundo do Brasil, da América Latina. As mulheres, ele as vê por todo canto, e se encanta com a beleza que anuncia.

Os primeiros iberos chegaram a Espanha há mais ou menos três mil anos e deixaram a imagem do touro tomando conta dos caminhos de gado que lá havia. A praça dos touros assim se institui como ponto nevrálgico e central das cidades da Espanha e o toureiro passa a representar a bravura e a sensualidade com seu traje emblemático, disposto para matar ou morrer. A tourada é um ritual que Berilo assiste com desprezo por considerar um excesso de brutalidade. “Fui a uma dessas touradas, escreverá, num certo domingo de outubro, e a conclusão que tirei e que tourada é espetáculo que só espanhol entende e aplaude e que estrangeiro vê por uma curiosidade infantil que todo turista carrega consigo”. Para mais adiante confessar: “foi de uma monotonia exemplar, se é que um espetáculo selvagem pode comportar monotonia”. Mesmo assim, não deixará de frequentá-las, o cronista entende que não se pode escrever sobre aquilo que não se vive, e não se pode absorver e entender os costumes e paixões de um povo, se vivenciar seus hábitos.

Para Berilo “tudo se resumiu em uma porção de toureiros sem nenhuma maestria nem arte de que sempre se ouviu falar como dons naturais do bom toureiro, matando sangrenta e primitivamente, meia dúzia de touros”. A tourada na Espanha é um espetáculo. O toureiro se mede pelos chifres do touro e começa o balé com a capa, olé, olé, e controla, acua, põe no centro da arena o touro bravo e sanguinolento provocado pelo tecido vermelho que lhe atíça. O toureiro movimenta os pés e o corpo em passos orquestrados, baila, dança com o touro. A plateia fica em suspensão à espera do desfecho. Há touradas por toda Espanha e a que Berilo mesmo contrariado participara um tanto de vezes para reforçar o seu enfado por aquela manifestação despropositava de violência ao animal, mas um traço profundo e milenar da cultura de Espanha que o cronista não poderá deixar de fixar. A crônica de Berilo não foge ao testemunho, o cronista aponta o espetáculo da tourada, explora o ritual, e não deixa de registrar o seu recado pessoal.

A crônica então é uma viagem cultural pelos lugares e costumes. O embate entre Hemingway, o grande escritor norte-americano, badalado por seus livros de ficção com o tom de reportagem, um vivente da Europa da guerra e do pós-guerra, admirador das touradas, e o toureiro madrilenho Dominguin, era a polêmica do momento. Hemingway acusava de performático o grande toureiro, ao que o Dominguin retrucava. Considerado o maior toureiro da Espanha naquele tempo, admirado e venerado, com flertes e namoros com as atrizes badaladas Greta Garbo, Ava Garden e Sophia Loren e tantas outras, dizia: o americano nada entende de touradas, e assim seguia a discussão pela revista *Gaceta Ilustrada* (1956), uma revista no estilo da *Time*, *Match* e da *Veja* brasileira, celeiro das grandes novidades, semanal, frequentada por grandes. Berilo estava sempre atualizado, lia revistas e jornais da Espanha, também acompanhava a imprensa francesa, e registrava nas notas finais a cada Revista da Europa, um apanhado de novidades.

Havia outras formas de diversão, sobretudo, quando encerravam-se as temporadas. Cinema, teatro, os nightclubs e as caves, espécie de bares, onde se bebe vinho se ouve boa música e todos cantam em clima de confraternização, ali choram os violões, eram os pontos de frequência e encontro de uma cidade festiva em que circulavam a gente do povo, os artistas e os poetas e os espetáculos de dança flamenca que por lei deviam funcionar até às 2h30, enquanto os bares poderiam descer à noite até às 3h30 da manhã. A dança flamenca é típica da Espanha e tradicional da região da Andaluzia. As mulheres

dançam, sapateiam, batem as castanholas, o público bate palma e o violeiro acompanha tudo na sua guitarra (como chamam o violão na Espanha) e ao som do batuque na caixa de percussão. É um espetáculo de balé, em que a dançarina com seu vestido rodado trabalha o movimento das mãos, do corpo, e joga as mãos para o alto, e vive e interpreta a música como um sentimento, enquanto o violão chora e o sapateado marca o passo. A bailarina, dança, dança, e dança, até que a música termina e os aplausos substituem as palmas.

O cronista recomenda o show do Corral de la Moreria, casa fundada em 1956, ainda em atividade, e deve-se ressaltar é a casa de flamenco mais famosa da Espanha. O espetáculo que Berilo assistiu numa Madri de novembro de 1960, compunha-se de cinco bailarinas e três guitarristas, à mesa vinho e a comida servida com molhos. Em novembro começa o inverno na Espanha é preciso se esconder sob os agasalhos e o refúgio ao frio abaixo de zero chega a ser estar em casa, para o viajante uma opção tediosa que resolve saindo na rua tão logo suba um pouco a temperatura ou apareça uma proposta de sol. O frio também se resolve com um bom conhaque, um destilado produzido a partir do vinho, bebida forte, entre 40 a 60 por cento de teor alcóolico, tradicional na Espanha, e que tão necessário no inverno que o espanhol o trata por "el sol embotellado", em tradução livre, por "sol engarrafado". O inverno de 1960, sucedeu um outono dos mais chuvosos. Só quando o sol retoma e a primavera se anuncia que o cronista se anima.

Aliás, lhe explica a moça que vende castanhas na Calle de Princesa, uma das ruas de comercio das mais movimentadas, que um inverno como aquele anuncia uma agradável primavera. O cronista não levava mais que quatro minutos a pé do colégio até ali, fundado em 1947, como parte as atividades do Instituto de Cultura Hispânica, sendo parte integrante da Universidade de Madrid. A Calle de Princesa é uma das principais artérias da cidade, assim denominada em homenagem à princesa das Astúrias Isabel de Bourbon, nasce na Praça de Espanha, centro histórico da cidade, onde está abrigado o Monumento a Cervantes. Da praça se avistam os edificios España e Torre de Madrid e de lá se toma caminho para a Gran Via, primeiro pouso do cronista. O cronista logo que chega se abriga numa pensão na Gran Via, conhecida como a Broadway madrilenha, por abrigar teatros, cinemas, hotéis, bares e cafés com seus terraços. A rua, larga, espaçosa, dos grandes edificios. Lá estão, o edificio Coliseum, os teatros Compac Gran Via, Lope de Vega, Rialto, o Cine Capitol, o centro da sua Espanha festiva.

Uma rua com aspecto de avenida bastante movimentada e agitada numa cidade em que convivem com ruas estreitas e antigas que tanto fascinaram Berilo ao flunar pela cidade. O cronista também será visto na taberna Las Cuatro Puertas, onde foi calhar assim que pousou na cidade, solitário com suas leituras e copo de vinho, nos espetáculos noturnos no Fontana e até na boate El Elefante Branco e na Plaza de Toros atento aos espetáculos das touradas. A temporada em Madrid era uma festa para o estudante que levava da sua cidade Natal o hábito de viver a vida e a cidade. Após o ano novo em Paris a volta às aulas e a vida em Madri, o cronista encontra no feriado da Semana Santa a oportunidade, formando um grupo com os colegas brasileiros e estrangeiros do curso, de andar pela região da Andaluzia, sul da Espanha. Na Andaluzia estão as cidades de Córdoba, Sevilha, Toledo, Málaga e Granada. Uma região histórica, ocupada no passado pelos romanos e pelos mouros, cada qual com seu período de dominação, deixando registrada a sua passagem em construções e em influências culturais que permanecem. Cortada pelo rio Guadalquivir, que forma um vale, a Sierra Morena e cordilheiras.

O clima mediterrâneo impera na região da Andaluzia, que se torna lugar de refúgio no inverno, em razão das temperaturas mais amenas e da presença do sol. As praias são badaladas, a proposta é turística e à mesa há fartura dos frutos do mar frescos que se serve com vinho branco. A cerveja também é hábito, não só o vinho. Tapas, mariscos e pescados são as delícias da culinária andaluz, sempre acompanhada do vinho. A uva emblemática da Espanha é a Tempranillo, de casca mais grossa e baixa acidez, o nome vem da palavra “tempro”, que significa “cedo”, pelo fato de que a uva amadurece antes das demais. A Andaluzia é famosa pela produção do Jerez. Jerez, ou fino, como são conhecidos, é um tipo de vinho fortificado e doce, como o vinho do Porto português, Manzanilla é dos mais conhecidos, é dele que se fartara o cronista no seu passeio pela região. O cronista vai se regozijar com o pescaíto (peixe frito e empanado com farinha de chicharro), jamón serrano e gaspacho. E as tapas.

A história das tapas é capítulo primoroso da mesa na Espanha. Nas tabernas, servia-se o vinho coberto com uma fatia de jamón para cobrir o copo e acompanhar o vinho. A tapa servia para tapar o fino, e qualquer comidinha passou a servir como tapa. O cronista vai se fartar delas com vinho nas mesas de Sevilha. E também se deliciará com os mariscos e pescados de Guadalquivir. Impressiona a presença das mulheres nos bares tomando

vinho com os seus maridos e até uma senhora tomava naturalmente a sua cerveja naquela Semana Santa, março de 1961, em Sevilha. Hábito que o cronista adquirirá, será sempre visto com a sua Maria Emília (namorada, noiva e esposa), nos bares da cidade de Natal, tomando o seu vinho, no Granada Bar, avenida Rio Branco, Cidade Alta, Natal, do amigo espanhol Nemesio, e até nas barracas de praia. A vivência na Espanha também veste o cronista de novos hábitos que incorporará à sua vida.

Em Málaga, abril na Espanha, foi visto nas cadeiras da calçada, tomando cerveja (melhor que a de Madri, afirma) com chaquette (peixinhos fritos) que se come aos punhados, depois descerá para a praia de Torremolinos para se regalar com vinho e puncho moruño assado na brasa com pimenta, bouquerone frito no azeite e camarões. O cronista em sinestesia com os cheiros, os sabores, a cultura e a história, a experiência viva de um Espanha que vibra e marcará para sempre a sua formação. Toda viagem é também um processo de transformação do viajante e de autoconhecimento e que fica para sempre impressa nas crônicas, em sua completa função de ser, registrar a vida no momento em que acontece. Berilo foi, viveu e, mais que isso, tomou a crônica como diário e, assim, registrou o perecível da vida, que são os acontecimentos dos dias que sobrevivem ao seu leitor contemporâneo e que chega ao futuro como testemunho de um tempo.

Quando retorna da Espanha, pronuncia um discurso em 19 de agosto de 1961 na seção do Instituto de Cultura Hispânica de Natal. O cronista já não é mais o mesmo rapaz que deixou Natal. Volta para o jornal mas não mais para Revista da Cidade, escreve agora nos mesmos propósitos uma coluna que assina Jornal de B.W. e pretende novos voos, deseja conquistar o Rio de Janeiro, capital federal aquele tempo, e anuncia a pretensão desejada de escrever para os grandes jornais do país. O cronista estava certo do seu talento, expertise e conhecimento. A leitura das suas crônicas não deixa outra impressão, havia agora um cronista formado, ciente do seu estilo, senhor dos seus temas e nesta aventura embarca para o Rio de Janeiro em 1962. Mas a aventura carioca não dá pé, na volta se casa com Maria Emília, torna-se pai de Alexandre, Romulo, Henrique e Milena, tenta nova aventura em São Paulo, volta à Natal e se estabelece promotor de justiça e professor da faculdade de jornalismo, escrevendo as suas crônicas todos os dias até o fim. Autoridade em cinema na cidade, fundador da crônica moderna, figura marcante e querida da cidade, subitamente falece em 1979. Acometido por infarto enquanto dormia, aos 45

anos de idade. Berilo foi definitivo por elevar a crônica ao patamar de jornalismo literário e por ter sido assim o maior cronista da cidade.